

Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

POVO DE AVEIRO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO,
EDITOR, Manuel Homem Christo

SEMÁNARIO REPUBLICANO

Numero 237

Assinaturas
AVEIRO—Um anno, 12200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 13300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 22500. Semestre, 11500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os ars. assignantes tem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

5.º Anno

AS PROPOSTAS DE FAZENDA

Alustra se por todo o paiz a agitação contra as propostas de fazenda.

A nossa opinião a tal respeito é conhecida.

O paiz não deve, o paiz não pôde pagar novos impostos.

Chegámos aos ultimos extremos sem uma guerra que nos arruinasse, sem peste, sem fome, sem nenhum d'esses grandes desastres que explicam ou justificam enormes despesas. Chegámos a isto pela má administração, pelo mais feroz egoismo dos quadrilheiros da politica, pelo esbanjamento, por uma série de torpezas e loucuras. Com que direito se exige mais dinheiro do paiz? Dinheiro para quê? Dinheiro para a continuação da vida dissoluta que se tem vivido até hoje.

O paiz não deve pagar mais. Mas o paiz não pôde, ainda que quizesse. Quem tem lido as *Cartas d'Algueres*, publicadas no *Povo de Aveiro*, tem visto a miseravel situação a que chegou o infeliz consumidor. Ora o governo com as suas propostas, que redundam em novos tributos, não faz mais que aggravar essa situação desgraçadissima.

Tinhamos o pão carissimo, a carne carissima, o peixe carissimo; vamos agora ter o arroz por um preço exorbitante. Para não faltar coisa nenhuma! Tudo era caro entre nós. Além de ser elevadissimo o preço das subsistencias, era elevado o preço de tudo o mais que se torna necessario á vida. Só o arroz estava, talvez, por um preço relativamente moderado. Pois tambem esse o governo vai encarecer, sem falarmos nas despesas da fiscalisação e nos vexames do proprietario. Porque entre nós não ha imposto nenhum que não importe logo um numerosissimo pessoal de fiscalisação. E' esse até, pôde-se dizer, um dos fins especiaes do imposto em Portugal. E' preciso servir amigos, dar de comer á clientella. E recorre-se a um imposto, que torne indispensavel a criação d'uma matilha de fiscalisadores.

Ao mesmo tempo que o estado vai encarecer o arroz, prejudicando juntamente o agricultor, ao mesmo tempo que encarece o petroleo, que é a luz dos pobres, além de ser o motor empregado em muitas industrias, lança sobre os districtos o encargo da construcção, reparação, conservação e policia das estradas, podendo as juntas districtaes, para fazer face ás despesas que d'ahi resultem, lançar um adicional de 20 p. c. sobre as contribuições do Estado!

Sem falar na reforma das pautas, e no augmento do imposto do sello que vai dar logar a maiores abusos do que aquelles que já eram conhecidos até hoje. A mais abusos e a... mais empregados. Cresça o monte, que os quadrilheiros da politica não trabalham de graça!

Ora isto não pôde ser. Ha muito tempo que se diz: não pôde ser. Mas é preciso que se diga a sério e terminantemente.

E' indispensavel pôr um termo á orgia do poder. Sejam honestos, sejam zelosos, sejam trabalhadores e as receitas publicas, já creadas, chegarão de sobejo para todas as despesas. Não só chegarão de sobejo para todas as despesas, como esse sobejo será tão grande que poderemos com elle melhorar consideravelmente a situação das classes pobres do paiz.

Vamos a isso. Acabem as viagens que custam milhares de contos. Acabem as obras luxuosas em palacios. Acabe-se o dominio das hetairas. Acabe-se a comedela monstruosa de todos os traficantes da politica. E teremos milhares e milhares de contos de sobejo.

Honestidade, zelo, economias. Eis o que é preciso oppôr aos impostos. D'isso é que precisa o paiz. Bastará isso para que a situação do thesouro meliore, e meliore consideravelmente.

Toda a gente sabe isto. Que fazer então? Resistir.

O governo, os governos não se resolvem a proceder com justiça? Não podem, ou não querem, fazer cessar os grandes abusos que nos envergonham e nos arruinam? E nós não pagámos mais nada.

Mas isto deve ser resolvido terminantemente. Nada de transigir. Não ha intransigencia mais digna.

Não pagamos. Façam o que quizerem. Nós resolvemos pura e simplesmente não pagar.

O governo recorre á força? Pois que recorra.

Recolher dinheiro á força ha-de ser um pouquinho difficil.

Combinémo-nos todos n'esse ponto e veremos como não ha força que nos metta medo.

João de Menezes

Tem passado incommodado de saude, o que sentimos, este nosso illustre amigo e director do *Debate*.

O POVO DE AVEIRO.

Aos nossos estimados collegas *O Povo do Norte* e *A Luz do Operario*, e a qualquer outro que por omissão involuntaria não hajamos citado, agradecemos as palavras amaveis que nos dirigem a proposito do nosso anniversario.

OS IGNORANTES

Com este titulo lê-se no nosso presado collega *O Debate*:

O Dr. Carlo Romussi, director do jornal democratico de Milão, *Il Secolo*, disse, n'uma conferencia que ha dias realisou ácerca dos partidos politicos italianos: «O nosso maior inimigo é a ignorancia.»

Dir-nos-hão que, se trata d'um lugar commun. Não é bem assim.

Estas palavras do notavel politico italiano querem dizer que, em toda a parte, os homens que se interessam a sério pelos destinos da sua patria, reconhecem que, hoje, um povo ignorante é um povo ameaçado.

Fortes são os povos instruidos. E, aos povos ameaçados, se querem salvos, o primeiro remedio a proporcionar-lhes é o da instrucção.

Agora mesmo, um povo mal conhecido entre nós, se bem que os primeiros europeus com quem elle travou relações fossem os portuguezes, agora mesmo, dizemos, esse povo—o japonês—acaba de mostrar como, por meio da instrucção se elevou e fortaleceu, tornando-se grande não só pelo seu poder militar e aaval mas pelo desenvolvimento da sua industria e do seu commercio. Ha vinte annos poucos davam conta dos progressos do Japão. Se alguns escriptores, principalmente inglezes, estudavam com cuidado o desenvolvimento do imperio, outros compraziam-se em tecer apenas lindas bugigangas litterarias, como por exemplo, Pierre Loti, em trabalhos muito inferiores, sob todos os pontos de vista, aos do official da marinha portugueza Wenceslau de Moraes, escriptor que está, em nosso entender, alguns furos acima do alambicado romancista da *Madame Chrysalème*.

E, todavia, nós portuguezes, que descobrimos o mundo, deveriamos aprender no exemplo dos «barbaros» a melhor maneira de nos civilisarmos. Elucidativos, por exemplo, são os dados ácerca da instrucção primaria no Japão. De tres livros nos servimos para podermos esclarecer os leitores: *The Statesman's year book*, de 1903; das estatisticas sobre a instrucção primaria do chefe da repartição de estatistica do ministerio de instrucção publica em Hespanha, o dr. Fernando Araujo y Gomez, e do livro, aliás nem sempre justo, do francez Henry Dumolard, *Le Japon politique, économique et social*.

Segundo os dados mais recentes pôde avaliar-se a população japoneza em 44.783.864 almas. O numero de escolas elementares em 1901 era de 26.857, com 92.899 professores e professoras e alumnos 4.683.598. O orçamento da instrucção primaria era, em 1899, de—reduzindo o yen a francos—47.336.685 francos.

E' pouco? Sem duvida. Mas conveni comparar com o que se passava, no mesmo imperio japonês, ha 20 annos aproximadamente.

Assim, ha 20 annos, por cada 100 rapazes em idade de frequentar a escola, havia matriculados 40. Actualmente, por cada cem, frequentam a escola 79. Por cada

100 raparigas, frequentavam a escola, ha vinte annos, 15. Hoje, por cada 100, frequentam a escola 48.

Estamos referindo-nos ao ensino elementar apenas. E resumidamente. Nem uma palavra diremos, hoje, a respeito do ensino secundario, tecnico e superior. Quizemos mostrar, com alguns numeros, que é ridiculo o desdém d'estes «sábios do occidente» quando falam dos «amarellós».

E' muito superior o russo ao japonês? Assim o pensamos. Contudo a verdade é que o japonês, proporcionalmente, está muito acima do russo no que respeita á instrucção elementar.

Assim, a população actual da Russia é de 140.000.000 de almas, a do Japão, como já vimos, de 44.788.864. Pois, pelas contas de 1899, a Russia excluindo a Finlândia, tinha nas suas escolas primarias, 3.779.818 alumnos de ambos os sexos, com 113.984 professores e professoras. E dispendeu, n'esse anno, 66.729.210 francos.

Claro que, como já dissemos, o russo, é incomparavelmente superior ao japonês. Mas o facto é este: o japonês instruiu-se mais rapidamente, não vive como o russo sob uma terrivel pressão autocratica. E desde 1868 até hoje, o japonês, estudando e trabalhando, apparece no mundo como potencia de primeira ordem, competido vantajosamente em certos ramos da industria e do commercio com os Estados-Unidos e defrontando-se, militarmente, com a Russia.

Estes factos significam alguma coisa e devem servir de advertencia aos povos ignorantes e aos partidos que se propoem educar esses povos.

RESISTENCIA

Entrou no decimo anno de existencia este nosso presado collega de Coimbra, um dos melhores jornaes do partido republicano.

As nossas cordeas felicitações.

CARNAVAL

Sensaborão, muito sensaborão o de 1904.

Pelas ruas apenas meia duzia de mascaradas, sem graça nem piada. A' noite, nos bailes, lá se encontrava alguma coisa de geito e com pilheria mas a quem o grande publico que enche as ruas e peja as janellas não tinha o gosto de disfructar.

Entre as poucas que despertaram interesse pela fórma como se apresentaram, salientou-se um empregado dos nossos amigos Marques, que com muita graça e enorme semelhança parodiava o impagavel *Zé Nordeste*, o inquebrantavel amante da musica velha.

Desordens não houveram, felizmente.

Vê-se, por este facto, que o americano é mais pacifico que o antigo bairradez.

A Instrucção.—A instrucção é um thesouro; o trabalho é a chave para elle se abrir.

Cartas d'Algueres

19 DE FEVEREIRO.

Não desanimem os amigos da paz. Não soltem heresias, como as que lêmos esta semana n'um periodico democrata. Não desvairem, pelo simples facto de ter surgido ontra guerra. Como já dissémos, a civilisação caminha de vagar. Concluir d'ahi que ella não caminha, é uma verdadeira insensatez.

Querem que caminhe mais depressa? Pois sejam serenos e reflectidos, em vez de disparatados, aquelles que teem o encargo sagrado d'esclarecer as multidões. Não leveis a descrença, o pessimismo, o desalento, a perturbação, com afirmações erroneas e falsas, ao espirito do publico.

A imprensa tanto pôde accelerar, como embarçar, estorvar, retardar, a marcha triumphante da civilisação.

Guilherme Ferrero, illustre publicista italiano, escreve estas palavras, cheias de verdade, n'um livro já por nós aqui citado:

«Todos julgam viver ao presente n'uma epocha como outra qualquer, que se confundirá na série do tempo com um minuto igual aos que a precederam e aos que a seguiram, quando nós, pelo contrario, vivemos talvez n'uma epocha que vê realizar-se a maior revolução social e moral que a historia tem registado até hoje. Aquelle que pensa que a verdadeira obra do nosso seculo está nos mecanismos inventados e mais frequentemente introduzidos em uso, mostra que só comprehendeu as expressões materiaes, exteriores, e, por isso, pouco importantes, d'uma grande revolução moral, em via de se realizar em toda a sociedade, no espirito dos homens, revolução que é obra verdadeira, eterna ou passageira, d'este seculo (seculo XIX) e pela qual as classes dominantes comprehendem, enfim, que é, pelo menos, do seu dever, participar directamente no trabalho, para que a civilisação se augmente e se conserve. Nas sociedades do passado quasi toda a responsabilidade do trabalho, d'onde depende a vida social, ficava ao camponês ignorante e ao artista humilde, constrangidos um e outro, pela força, a fornecer de prazeres diversos a ociosidade de senhores ignorantes e estupidos. Hoje, pelo contrario, a classe dominante collabora no trabalho do povo, e ainda que muito bem paga, ainda que desperdiçando muitas vezes a força do povo ignaro em crear riquezas phantasticas, nem por isso deixa de activar notavelmente o ardor universal. A Inglaterra, a Alemanha, a America do Norte, e tambem, ainda que em grau menor, a Italia e a França, não são mais governadas por oligarchias de sybaritas ociosos, mas por agrupamentos sociaes que dirigem, bem ou mal, o trabalho social. Esta mudança tem feito com que sociedades que desde trinta seculos nunca haviam deixado de se dilacerar em guerras, de repente, quasi subitamente, tenham sentido uma grande necessidade de paz, necessidade de que muita gente se ri porque nem a tinham comprehendido nem a comprehendem ainda, por isso que nasceu ha pouquissimo tempo e cresceu com muita rapidez. Mas nasceu principalmente por isto: porque desde que as classes dominantes deixaram de procurar a riqueza no banditismo á mão armada, com prejuizo d'outros povos.

e d'outras classes, a guerra deixou de ter uma função essencial e começou a parecer repugnante.»

O banditismo não desapareceu de todo. Ainda foi elle a causa primaria da guerra do Transvaal. No entanto, é incontestavel que a sua acção enfraquece consideravelmente.

Vimos a influencia exercida pelos escriptores, congressos e conferencias a favor da paz. Convém registar a influencia parlamentar exercida no mesmo sentido.

Em 1873, o parlamento inglez, por 98 votos contra 88, votou o projecto de Henry Richard, inimigo declarado da guerra, sobre a creação d'um tribunal de arbitragem e modificações humanitarias no direito internacional.

Em 1887 lord Bristol apresentou outro projecto sobre um tribunal internacional. Este, porém, não teve o exito do projecto de Richard.

Büler propoz o desarmamento, em 1880, no parlamento allemão. Não foi a proposta admittida á discussão. O mesmo aconteceu a uma proposta identica de Mayerhofer, no parlamento austriaco.

Em novembro do mesmo anno propoz Mancini no parlamento italiano a creação d'um tribunal de arbitragem. Foi a proposta admittida.

Em junho e julho de 1890, Bonghi, na camara dos deputados, e Sosteno, no senado, repetiram a iniciativa de Mancini.

O parlamento dos Payzes Baixos votou, em 27 de novembro de 1874, por 35 votos contra 30, a proposta de Bradini sobre a creação d'um tribunal de arbitragem e sobre a obrigação, admittida por todas as nações, de submeterem a resolução das suas pendências a esse tribunal.

O deputado Marcoartu apresentou ao parlamento hespanhol um projecto analogo.

A camara dos deputados sueca votou, em 21 de março de 1874, outro projecto analogo do deputado Johausen, e o Storting norueguez pronunciou-se a favor do mesmo principio, em 1890.

A camara belga pronunciou-se no mesmo sentido, por grande maioria, em 1874.

Vê-se que pelo lado das nações pequenas não ficaria a causa da paz prejudicada.

Os parlamentares partidarios da paz não se limitaram a sustentar as suas idéas nos respectivos parlamentos; resolveram convocar um congresso internacional, composto dos representantes dos corpos legislativos dos diferentes paizes da Europa e da America.

A 29 e 30 de junho de 1889 realisaram-se em Paris as primeiras reuniões da conferencia internacional presidida por Julio Simon, ás quaes assistiram 99 membros do parlamento francez, inglez, americano, hespanhol, italiano, dinamarquez, hungaro e grego.

Uma segunda conferencia teve

lugar, em julho de 1890, em Londres, onde se reuniram 116 membros dos corpos legislativos de 12 paizes.

Em 1891 reuniu-se em Roma, não já uma conferencia, mas um congresso, em que a França estava representada por 11 senadores e 45 deputados; a Inglaterra por 3 membros da camara dos lords e 40 da camara dos communs; a Alemanha por 16 deputados do Reichstag; a Austria por 32 deputados do Reichszath; a Belgica por 1 senador e 2 deputados; a Dinamarca por 3 membros do Folketing; a Hespanha por 13 senadores e 27 deputados; a Grecia por 6 deputados; a Suissa por 17 deputados; a Italia por 90 senadores e 267 deputados; a Hungria por 13 deputados; a Suecia por 5; a Noruega por 3; a Roumania por 16 senadores e 40 deputados; a Hollanda por 7 membros dos Estados Geraes; Portugal por 1 membro da camara dos pares e 2 deputados.

Com esta propaganda dos parlamentares coincidiu uma propaganda intensa por meio do livro e do jornal.

O que se seguiu depois, até aos ultimos tratados entre a França, a Inglaterra e a Italia, é do conhecimento de todos.

Continúa a guerra, apesar d'isso? Continúa. Como continúa a subsistir a monarchia, embora todos estejam convencidos de que a republica será um dia o regimen adoptado em toda a Europa.

Como continuam a vigorar outros principios, condemnados desde já pela consciencia universal.

A guerra continúa. Nem por isso deixa de se sentir essa grande necessidade de paz, a que o publicista italiano, atraz citado, se refere. Necessidade que nasceu ha pouquissimo tempo, como elle diz, que cresceu com grande rapidez e que se impõe tão imperiosamente que ninguem se atreve já a assumir a responsabilidade da guerra. Declarar a guerra é já um crime que todas as nações se apressam a repelir.

Ha cincoenta annos atraz, uma guerra nas condições d'aquella que acaba de rebentar entre a Russia e o Japão, produziria, inevitavelmente, uma conflagração geral. Agora é quasi certo que ficará limitada aos dois paizes.

Mêdo das consequências da guerra e não effeito das idéas civilisadoras? Uma coisa é outra. Mas seja só o mêdo, se quizerem. O que importa é registar o facto de que a guerra recúa.

É sobre esse ponto não pôde haver duvidas para ninguem.

Confieemos na acção do progresso, na marcha triumphante da civilisação.

A. B.

Novo Mercado do Peixe

Dêram-se já principio aos trabalhos da instalação do Novo Mercado do Peixe.

Segundo nos informam, estes trabalhos devem ficar concluidos por todo o mez d'abril.

TEM RAZÃO

Sob o título *Questões Sociaes*, publica *O Popular* de quinta-feira ultima um artigo editorial de que transcrevemos o seguinte:

«Outro dia discutiu-se na camara franceza dos deputados um projecto de lei prorogando por mais tempo os premios da cultura na importancia de 2 1/2 milhões de francos (450 contos ou ro por anno), que o thesouro francez paga para proteger os cultivadores de linho e canhamo. O sr. Jaurés, illustre chefe socialista e deputado, annui á discussão e, quando ella ia findar, levantou-se e disse pouco mais ou menos: «Resolvestes continuar dando 2 1/2 de francos de subsidio aos cultivadores que produzem linho e canhamo, segurando-lhe assim lucros certos. Bem está, se está! Mas, se garantis o lucro do empresario de culturas, quanto daes para garantir e segurar o minimo dos salarios aos operarios, que são cidadãos como os outros?»

«Esta observação, singella e justa ao mesmo tempo, provocou discussão difficil na camara, e suscitou um problema, que ficou sem resolução, mas quo mais dia menos dia virá a impôr-se. Com effeito a verdade e a justiça da observação do sr. Jaurés impõem-a.

«Aqui em Portugal garantimos por uma legislação difficil e complicada preços remuneradores aos lavradores de trigo, danos protecção aos outros cereaes, aos vinhos, aos azeites, a todos os productos agricolas e tambem aos industriaes. D'ahi resulta ser Portugal a terra da carestia e, por exemplo, o paiz da Europa em que o pão, alimento essencial á vida, é mais caro. Seja assim, visto assim ser preciso. Mas qual lei, quaes providencias garantem salarios remuneradores, não só aos operarios propriamente ditos, mas tambem a todos aquelles que vivem do trabalho? Onde está? e como se justifica a justiça social, que só cuida de proteger o capital empregado na producção e a intelligencia directora, e se esquece absolutamente do trabalhador, que afinal constitue a grande massa dos consumidores?»

«Este anno, por exemplo, para tornar lucrativa a producção do trigo encarecemos o preço d'esse cereal com cerca de 2.500 contos de reis. A' custa de toda a nação damos esses 2.500 contos ao lavrador de trigos, aumentando alguns 20 reis em cada kilograma de pão. Está bem, posto ser preciso.

«Temos então admittido pelo consenso geral, que o paiz inteiro deve segurar ao trigo um preço remunerador para quem o produz. Geral é, porém, que o consenso geral não reconheça tambem o direito de ficar seguro um salario remunerador ao trabalho? O direito parece ser o mesmo em ambos os casos.»

O medico resignou se e esperou. Entretanto, senhoreou-se d'elle pesadissima tristeza, que a pobre esposa não sabia nem podia consolar. Esquartejava-lhe o coração aquelle espectáculo de incessante latrocínio e sordido desavergonhamento de costumes. Olhava contra o mar, e perdia a vista afogada nas lagrimas, exclamando: «Não hei-de mais vêr-te, ó minha filha... não hei-de mais vêr-vos, meus filhos...»

— Pois elle tinha mais que uma filha!—perguntou Francisco Luiz de Abreu.

— Essa mesma pergunta fiz a minha sogra—disse Braz—; mas a resposta era um silencio indecifrável, um esquisito amuar, que nem eu nem minha mulher ainda agora podemos atinar o que fosse... A meu juizo, minha sogra padecia umas turvações, a revezes, durante as quaes era preciso que a gente se não demorasse a querer entendel-a ou a interrogal a, que

DESEMBUCHEM

Mas então quem foi o auctor do manifesto do partido republicano de Aveiro, publicado em 1892?

Quem foi?
O Carranca não foi.
O Mijareta não foi.
Não foi o Marechal de Liliput.
Não foi o auctor das Garatujas.
Não foi o feroz orador do comicio da Palhaça.

Quem foi?
Seria o mesmo que fala agora em *aventura republicana*?

É preciso aclarar-se esse ponto confuso. Desejamos ao menos saber se aquelle que diz hoje que o partido republicano não tem plano de governo e que a solução promettida por elle é ainda uma incognita será o mesmo que disse que os partidos monarchicos não tinham **programmas, nem ideaes, nem dedicações.**

Vamos a saber isso.
O que está hoje escrevendo que o paiz quer a solução da crise dentro da monarchia será o mesmo que escreveu, ha pouco mais de treze annos, que **a monarchia e dos partidos que a sustentam nada ha a esperar?**

O mesmo que está escrevendo agora que as classes productoras não iriam levanamente entregar a solução da crise nacional á *aventura republicana*, será o mesmo que escrevia, ha pouco mais de treze annos, que **a monarchia deixou de estar identificada com o sentimento nacional?**

O mesmo que está escrevendo agora que o partido republicano não está nas condições de garantir ao paiz a solução do grave problema da crise nacional, será o mesmo que escreveu, ha pouco mais de treze annos, que **esperar das actuaes instituições a liquidação de tão graves responsabilidades seria uma ingenuidade desmentida pelos factos?**

O mesmo que está escrevendo agora que o paiz não quer, não pôde, não deve confiar a solução da crise nacional ao partido republicano, será o mesmo que escrevia, ha pouco mais de treze annos, que **o paiz não cre nem na monarchia nem nos seus serventurarios?**

O mesmo que está escrevendo que o paiz pôde e deve salvar-se dentro da monarchia, e que seria para recear que a *aventura republicana determinasse a intervenção estrangeira e a occupação das nossas colonias*, será o mesmo que escreveu, ha pouco mais de treze annos, que **espoliados dos nossos dominios coloniaes que a monarchia não soube nem pode defender, sem credito nos mercados europeus, sem moralidade na administração, sem justiça na repartição do imposto, sem garantias contra os grandes criminosos, urge deltar abalxo a monarchia?**

então rompia em alto choro ou carregava iradamente a sobranceira.

Meu sogro foi um dia supplicar ao governador que os deixasse sahir, ou os mandasse matar.

O francez condeou-se, e mandou-os retirar benignamente, e esperar resposta em occasião opportuna. A opporndidade chegou tarde.

Tinham já decorrido doze annos n'aquelle viver, em que outro qualquer homem acharia distracção, enriquecendo-se, e sabendo aproveitar-se d'esse lado unico, e todavia o mais bello para muita gente.

Enfermou gravemente o medico: quem sabe se elle a si mesmo ministrou o veneno, que o ia correndo vagarosamente? A sua maxima afflicção era antever a morte da esposa antes da sua. Isto attribulava-o, como se já a estivesse vendo sobre terra. Ia-se a ella debruçado em lagrimas, e rogava-lhe de mãos postas que tivesse mais força d'alma, mais coragem do

O mesmo que está escrevendo agora que o paiz não pôde nem deve confiar a salvação ao partido republicano, porque acima de tudo está a independencia da nação e a manutenção do dominio colonial, será o mesmo que escreveu, ha pouco mais de treze annos, que sustentar a monarchia seria **sancioniar a nossa ruina, consentir na perda da nossa autonomia?**

O mesmo que está escrevendo que o sr. João Franco ha de salvar o paiz dentro da monarchia, será o mesmo que escrevia, ha pouco mais de treze annos, que **a confiança na honestidade e no patriotismo d'um politico monarchico desapareceu absolutamente?**

É o mesmo?
É o mesmo que collaborou no *Artista*?

É o mesmo que pertenceu a commissões republicanas?

É o mesmo que diz agora que nunca foi republicano?

Que diabo! Se é o mesmo, devia estar calado. Ou falar pouco, pelo menos. Falando muito, não demonstrou intelligencia nem caracter.

Dizem que o Carranca lhe chama a primeira intelligencia do districto.

Pois está enganado, seu Carranca.

A primeira intelligencia do districto é *vosselencia*, que é quem fala menos e escreve menos sendo aquelle que se tem governado melhor.

Recolha lá a sua modestia. E agradecendo as preciosas informações que *alguem* nos manda, ficámos aguardando um esclarecimento decisivo e solemne, para falarmos em seguida.

Nós bem sabemos quem é o auctor do manifesto. Mas queremos que elle diga da sua justiça.

E deve dizer.
Esperemos, pois.

Ao sr. commissario de policia

Embora nos julguem a prégar no deserto, vamos no entretanto lembrando sempre ao sr. commissario de policia a conveniencia de reprimir os abusos de se lançar para a rua publica os dejectos e cacaria velha que estorvem ao canto do borralho ou ao fundo do saçuão.

Raro é o dia que na rua de Santo Antonio, ao Alboy, não lancem para fóra de casa aguas immundas, panellas quebradas e terrico em putrefacção. Na rua dos Tavares, ao pé do commissariado, succede o mesmo. E o que acontece alli, acontece invariavelmente em toda a cidade, o que a torna pessima nas suas condições hygienicas.

Ao sr. commissario de policia, que tão zelosamente vêm os tratar d'outros assumptos, pedimos tambem a sua attenção para este.

que elle tinha para arrastar aquellas cadeias.

Pôde ser que afinal se lhe espessassem sombras de demencia na grande luz de razão com que entendera os arcanos da sciencia, quando a estudava em Coimbra...

— Fallou vossemecê com alguém que o houvesse conhecido em Coimbra?—perguntou Francisco Luiz.

— Fallei com os meus lentes, que todos tinham sido condiscipulos e contemporaneos d'elle, e lhe perdoavam o crime do rapto e do hebraismo em desconto de sua alta capacidade para as divinas sciencias medicas... Em que ponto estavamos?

— Na doenca do pae...—disse D. Josepha.

— É verdade... na doenca do meu sogro que foi a primeira e a ultima da sua vida. Minha sogra, quando chegava a esta final jornada da sua tragedia, parece que se lhe apagava o entendimento. Soluçava, com

FOLHETIM

(39)

CAMILLO CASTELLO BRANCO

O OLHO DE VIDRO

(Romance historico)

XIII

Seguimento da historia

Antonio de Sá foi o bode expiatorio da affronta, se mais bodes não foram os judeus da colonia que o governador mandou passar á espada, sem perdoar sequer a mulheres e crianças. Meu sogro teria sido espingardeado, se a esposa se não lançasse em joelhos aos pés da filha de Duparquet, a quem o marido por duas vezes arrancara ás presas da morte.

Depois de preso alguns mezes, Antonio de Sá foi chamado á presença do governador e perdoado. Pré-

gou-lhe o francez um demorado sermão, recheado de censuras contra o feio crime de ingratos da laia d'elle medico, o mais venturoso homem que ainda tinha caído em unhas de fibusteiros, e homem de mais a mais filho das Hespanhas. Lembrou-lhe os beneficios desusados com que lhe galardouara os seus bons serviços como medico, e os conselhos que lhe dera sobre o modo de enriquecer-se e constituir-se um dos mais ricos proprietarios das colonias de S. Domingos. Lembrou-lhe o resgate que lhe dera da filha, tendo-a aliás destinada, como formosissima que era, a casar com um seu neto.

Antonio de Sá respondeu com muitas lagrimas, talvez suggeridas pelo recordar-se da filha, desesperança de tornar a vel-a. Estas lagrimas compadeceram o governador, que o abraçou estreitamente, e lhe pediu que se deixasse estar até que um dia passassem ambos a França.

SCIENCIAS E LETRAS

A UMA SOMBRA QUE SE ESVAE...

Ergue-se a Liberdade á borda do teu leito,
O velho Mastai, como um phantasma escuro,
E, enquanto a mão de Deus te pesa sobre o peito,
Manda a tua sentença aos ecos do futuro:

«Se te escurece a frente a pedra tumular,
Que sombra imprimes tu nas paginas da Historia?
Ha sangue em tuas mãos! sangue na tua gloria!
Sangue no calix teu! sangue no teu altar!

Quem foste? O padre algoz! Luz transformada em Treva!
Amor feito Rancor! Perdão feito Vingança!
Devorara a Polonia o Czar—urso do Neva!
Napoleão—bandido arcabusava a França...

Morta a Sicilia estava. O calice do fel
Bebera-o d'um só hausto a Hungria inanimada.
Os braços de Claret, sombra de Torquemada,
Levantavam a Hespanha ás forcas d'Isabel!

Mas tu?... que desengano! A Italia, aos seus destinos
Largo horizonte abrindo, heroica despertava!
Ao erguer-se o meu sol por sobre os Apeninos
Derreteria os grilhões nos pulsos d'essa escrava!

Tu viste-me e tremeste! Eu era a immensa luz!
A aurora da razão! A aurora da consciencia!
Eu era a liberdade! eu era a independencia!
Eu quem saudava o Christo! eu quem trazia a cruz!

Eu era o sacerdote! eu era o missionario!
Erguiam-se a meus pés as supplicas dos crentes...
Era eu quem descia as rochas do Calvario
Trazendo a redempção ás opprimidas gentes!

Tremeste... asoberbou-te a grande mão de Deus;
Essa robusta mão, que hoje teu peito opprime...
Quando voltaste á arena, o labaro do crime
Tremia-te nas mãos como uma affronta aos ceus!

Chamaste a Reacção, e ao ver-te algoz da Italia,
Ao ver-te armado e forte, a hyena, a hyena exangue,
Foi soffrega lambher-te a rubida sandalia,
Porque a tua sandalia, oh padre, tinha sangue!

Surgem á tua voz as torvas legiões;
Cada jardim florido é campo de batalha;
Passa o catholicismo em nuvens de metralha!
Golfa a ideia christã da bocca dos canhões!

A força é te submissa: ordenaes, excuta!
Tens o carrasco aos pés; não pára, não descança;
Perugia quer lutar; tu pões-lhe um termo á lucta...
Santa carniceria! esplendida matança!

Por que te quiz salvar clamaste contra mim;
Do facho que eu sacudo amaldiçoaste os brilhos!
Chova sobre o teu vulto o sangue de meus filhos
Como sangue d'Abel choveu sobre Caim!

Venceste os d'Israel, magnanimo levita!
A raça que offuscava o lustre da theara...
Mas não ouves a historia? a Historia que grita:
«O roubo de Mortara... o roubo de Mortara!...?»

Tendo para ministro um lobo fero e crú
Entregaste o poder n'aquellas mãos impuras,
E, hoje, que vaes morrer, abrem-se sepulturas
Só para te bradar: «Maldicto sejas tu!»

«Maldicto sejas tu!» gritam as enxovias,
O exilio, que soluçã, o poste que golpeja!
«Maldicto sejas tu!» clamam as genonias
Em que tu transformaste os carcereiros da Egreja!

Atiraste ao progresso o anathema fatal?
Olha: por toda a parte explende a nova ideia!
Es pó, que se disfarça! és luz, bruxuleia...
Ea seu eterna estatua e aurora perennal!

Meu sol dos Pyreus aos pincaros assoma,
Dos apeninos surge, em fogo os Alpes banha!
Pódes seguir em paz, ó rei da velha Roma,
Acclamando e benzendo o rei da velha Hespanha!

Pódes seguir em paz! São horas de partir,
Logar ao novo deus! Logar aos crentes novos!
Mil v-rmes são por ti! Por mim... todos os povos!
Esperate o passado! Aguarda-me o porvir!

Tu ouves esta voz, soturna, trovejante,
Vês do abysmo profundo a enorme escuridade,
E temes, desvaivado, ansioso, agonisante,
Que te repita o mesmo a voz da Eternidade!

GUILHERME BRAGA.

TEMPORAL

O temporal tem sido medonho e desabrido por aqui. Ha muitos prejuizos em muros, nas estradas e arvoredos. As ruas teem estado intransitaveis com a lamaceira e o commercio e industria teem-se resentido nas suas transacções. O tempo melhorou ante-hontem e é possível que assim se conserve, para bem de todos.

Musica no jardim

Em virtude do mau tempo não se fez ouvir no domingo passado a conceituada banda d'este regimento. Tocará, porém, hoje se o tempo o permittir, da 1 ás 3 da tarde, o programma que segue:

Ordinario. «Sur les eaux du Tage», pot-pourri (Moraes). «Eulalia», mazurka (***) «La Verbena de la Paloma», zarzuela (Breton). «Propheta», marcha da opera (Meyerbeer). «Le Retour du Printemps», suite de walsas (Waldtenfel). «Raymond», ouverture da opera (Homas).

Fallecimento

No dia 14 falleceu n'esta cidade, victimada pela febre-typhoide, a menina Olympia Simões Peixinho, filha do capitão do Ing're Vencedor, sr. Manuel Simões Peixinho e irmã dos srs. Jeronymo, João e Maximo Simões Peixinho. A pobre creança, que apenas contava 17 primaveras, teve um sahimento bastante concorrido, sendo depositadas sobre o seu caixão algumas corôas de flores. A todos os seus, os nossos sentimentos.

Tambem falleceu o sr. José dos Santos Nunes, administrador do jornal O Trabalho, de Setubal. A todos os seus o nosso cartão de pesames.

«Semana Illustrada»

Vem primoroso o n.º 12 d'esta magnifica publicação illustrada, que cada vez affirma d'um modo incontestavel a sua superioridade sobre as revistas congeneres, já pela natureza da sua collaboraçã e das suas gravuras, já pelo seu preço insignificantisimo, que a colloca ao alcance de todas as bolsas. Inteiramente transformado, o presente numero é acompanhado d'uma bella capa, com illustrações de gosto. A «Semana Illustrada», semanario illustrado, litterario e artistico, pela acceptaçã e procura que tem despertado no publico, está certamente reservado um largo futuro. O summario do ultimo numero é o seguinte: Sua Magestade a Rainha D. Amelia, illustrado.—Chronica, por M. da Fonseca.—Silhuetas (illustrado) por D. Paco. Litteratura: O cravo branco, por J. de Magalhães-Lima; e Lagrima, por João Saraiva; e a Nuvem, por Gonçalves Crespo; Notas mundanas; Perrotte e Orfa (novellas paginadas); A moda: ultimas creações (illustrado); A moda (musica) por Mozart; Fecinismo; As Mães, por P. d'Andrade; Helena Bianchini, (illustrado) por S. T.—Theatros: Poesia popular. Na estante: O conde de Sabugosa e o Paço de Cintra (illustrado), por Trindade Baptista; Curiosidades. E' dos numeros mais interessantes que constituem a sua collecção, toda aliás interessantisima. Assigna-se na rua do «Diario de Noticias» n.º 109, 1.º—Lisboa.

Mercado de Aveiro

Os preços dos generos porque correm no mercado d'esta cidade, são os seguintes:

Feijão branco.....	700
» encarnado.....	850
» manteiga.....	680
» amarello.....	600
» mistura.....	560
» caraça.....	780
» frade.....	720
Milho branco.....	600
» amarello.....	580
Trigo gallego.....	12060
» tremez.....	900
Batatas, 15 kilos....	450
Ovos, duzia.....	200

PUBLICAÇÕES

Elementos de electricidade applicada á industria, por Duarte Sampayo, engenheiro naval.

Editor—Aillaud & C.^a
Da casa editora acima referida recebemos, e agradecemos, este livro, muito util aos operarios que lidam com osapparehos electricos e a todas as pessoas que desejem iniciar-se na sciencia da electricidade applicada e que muitas vezes não o fazem por falta de livro apropriado. Essa falta é agora felizmente remediada.

Regulamento para a Fiscalisação dos Productos Agricolas e Serviços de Sanidade Pecuaria.

Recebemos mais este voluminho da Bibliotheca Popular de Ligilacção, que presta um relevante serviço com estas publicações. Custa 200 réis. A bibliotheca tem a sua sede em Lisboa—Rua de S. Mamede, 107.

Revista Philatelica Portuguesa. —Recebemos o numero de janeiro, d'esta publicação, cujo fim o proprio titulo indica, util a todos os philatelistas. Assigna-se na rua de Nova Cintra 175—PORTO. Por anno 400 réis.

A Revista. — Mensario de sciencias e letras.—Recebemos o numero de fevereiro, que contém 7 cartas de Anthero do Quental, artigos e poesias de Carlos de Magalhães Azevedo, de Henrique de Mendonça, de Henrique Marques, de Joaquim Araujo e de F. Cunha.

CONGRESSO SOCIALISTA

Effectuou-se no dia 14 a abertura do congresso de Saint-Etienne. O sr. Rouvet declarou u'um eloquente discurso que o partido socialista deve continuar a apoiar o governo republicano presidido por Combes na sua campanha contra a Egreja. Declarou-se partidario de que os socialistas tomem parte no governo, como Millerand, e nas commissões de parlamento.

SAL

Tem estado um pouco paralisado o negocio do sal em Aveiro, devido talvez ao mau tempo que tem feito. O seu preço actual regula por 41:000 réis o wagon.

Cambio

O cambio do Brazil sobre Londres está a 12 3/8. Libra no Brazil: 49.591 réis; em Portugal, 5.481 réis. Valor de 100000 réis fracos no Brazil, 27,825 réis fortes.

Notas alegres

Frei Chica no confissionario: — Acuse-se, irmão. Penitente: Accuse-me o sr. que eu me defenderei!

Numa aula de instrucção primaria: — Thomaz, supponhamos que das nozes a teu irmão e que lhe tiras logo seis. O que succederá? — Põe-se a berrar como um cabrito, sr. mestre.

Um pobre pedia esmola a Malherbe, assegurando-lhe que pederia a Deus pelo bemfeitor. — Oh! meu pobre diabo, que crédito poderão ter as tuas orações perante Deus, que te deixa morrer á fome n'este mundo?

Num tribunal: Juiz: — Qual é o seu estado? Testemunha: — soffrivel, muito obri-gado a V. Ex.^a

O commercio e industria reagem

O commercio e industria de Aveiro fecharam na quinta-feira as suas portas n'esta cidade como protesto ás novas medidas fazendarias.

E na cidade não se falava n'outra cousa, increpando se acremente não só este governo como todos em geral.

E' que a carga vae sendo muita e d'aquí a pouco nem a camisa nos deixarão para pagamento dos impostos.

Isto, a cahir de pôdre como está, afunda-se fatalmente em breve se não houver uma reviravolta energica que atire por terra toda essa geringonça que vae fazendo submergir ignominiosamente a nossa infeliz patria portugueza.

FUERA DE MARÇO

Principiou com grande actividade o assentamento das barracas para este importante mercado annual.

Como já dissémos, virá aqui este anno por occasião d'esta feira, a companhia do actor Oliveira proporcionar-nos algumas noites agradaveis.

Dizem-nos que a companhia está bem organizada, tanto em artistas como em scenario.

A nossa carteira

Partiu na quinta-feira para Lisboa acompanhado de suas filhas, o nosso amigo sr. Albino Pinto de Miranda considerado negociante d'esta cidade.

Tem estado doente o sr. José Maria Pereira do Couto Brandão, digno official da secretaria do governo civil. Desejamos-lhe rapidas melhoras.

Já se encontra n'esta cidade assumindo o seu logar de director da Escola Normal, o revd.º sr. José Marques de Castilho.

Vieo passar as férias do carnaval e já se retirou para o Porto, o applicado estudante Arthur Baptista Coelho, filho do sr. Jeronymo Baptista Coelho, acreditado negociante da nossa praça.

Já se encontra restabelecido dos seus incommodos, o sr. Joaquim Ferreira Felix.

Vae em via de restabelecimento o filho do sr. dr. João Foyo Soares d'Azevedo, secretario geral do districto.

Passou na quinta-feira o seu anniversario natalicio, o sr. João Campos da Silva Salgueiro.

Tomou posse do logar de agronomo do districto de Aveiro, o sr. Albano Pereira Lobo.

A RAZÃO

Recebemos este semanario republicano, que começou a publicar-se na Figueira da Foz, e que se apresenta bem redigido.

Desejamos-lhe longa vida e mil venturas.

Novo material

No proximo domingo sahirá já o nosso jornal completamente reformado na sua parte material. O typo, que nos acaba de chegar da Imprensa Nacional, é excelente e honra sobremaneira aquelle importante estabelecimento, o melhor do paiz n'aquelle genero. Está, portanto, sanada uma lacuna no nosso jornal que bastante se fazia sentir.

Ao sr. director das obras publicas

Continúa ahí, escancarada, uma casa em construcção na rua do Espirito Santo, pela paralisação dos seus trabalhos ha mais de dois annos. E' uma vergonha. N'uma qualquer villa, habitada por pessoas medianamente illustradas, não se permittiria tal cousa. Além d'essa casa, que bastante desfeia a rua, pois assemelha os escombros d'um grande incendio, existem mais duas pedradas que estão a cahir de velhas, o que se torna um constante perigo para os seus infelizes habitantes e para o publico que por alli transita.

Ao sr. director das obras publicas lembriámos esta urgente necessidade.

de Antonio de Sá Mourão! —murmurou muito recolhido Francisco de Abreu, e assim se esteve cogitativo por largo espaço.

— Vejo que lhe fez commoção esta funebre historia! disse D. Josepha.

— Muitissima dôr! —murmurou o hospede, limpando o rosto coberto de lagrimas. — Pobre homem!... que destino!... que vida!... Como o mundo debaixo do céu está infamado de tamanhas desgraças!... E vale a pena o viver!... E não morrem afogadas as creancinhas ás mãos de seus paes!...

Braz de Abreu, esposa e filhos todos tinham os olhos amarelos de pranto.

Francisco Luiz levantou-se, beijou as meninas mais novas, apertou a mão de D. Josepha, e despediu-se offegante de soluços.

— Que sensibilissimo homem!... — disse o medico.

(Continúa.)

os braços cruzados sobre o seio, e os olhos cravados no alto ponto onde ella imaginava por ventura entrever o espirito de seu marido. O certo é que elle morreu em 1716, consoante o calculo de minha mulher, que então já contava os seus vinte e um annos, dez dos quaes tinham sido vividos n'um convento.

A compaixão franqueou a minha sogra a sahida da colonia. Apossou-se da herança do marido que devia ser grande. Embarcou em um navio marsehez, que voltava do Canadá; antes, porém, de saltar de um barco de flibusteiro ao navio francez, já estava roubada do mais precioso da sua fazenda.

A pobrinha não se queixou, nem de vêr-se pobre cobrou grande angustia. Lembrou-se de que tinha uma filha, uma patria, e n'ella os haveres do seu pae, que deviam ser a riqueza de sua filha.

Procurou em França o convento

de sua filha, a qual duvidou reconhecer a mãe. Saiu minha mulher da casa religiosa, e assim se viram duas senhoras deseparadas em meio da França, entregues á propria deliberação. Alguem as enviou ao ministro portuguez em Pariz, que lhes ouviu a historia com sentimento, e caridosamente aconselhou a minha sogra que se houvesse muito prudente com o santo officio de Portugal, em cujos archivos o nome d'ella devia estar escripto para eterna memoria. Porém, como quer que D. Maria teimasse em sair para a patria, o ministro advertiu-lhe que mudasse de nome, e se valesse das cartas que lhe deu, caso a inquisição a perseguisse, por effeito de alguma irreflexão d'ella, quanto á exigencia dos haveres de seus paes.

Proseguiu Braz Luiz de Arbu, relatando o que já é notorio ao leitor, até ao seu casamento com a filha de D. Maria Cabral, fallecida no Porto. — Crucificada existencia foi pois a

Bibliotheca HORAS ROMANTICAS
 Collecção de obras litterarias e scientificas notaveis, dos melhores auctores, antigos e modernos, nacionaes e estrangeiros
COM REIS CADA VOLUME
 ROMANCE, POESIA, THEATRO, ARTE, HISTORIA, CRITICA
 Edições esmeradamente revistas, traducções confiadas aos melhores escriptores, obras de auctores antigos e contemporaneos
PUBLICAÇÃO MENSAL AOS VOL. DE 160 A 200 PAG.
100 reis o volume
 Cada pagina de leitura por menos de um real
IDEA E FINS DA PUBLICAÇÃO

O fim d'esta publicação é o de concorrer para que o povo portuguez conheça a sua litteratura e a dos outros povos, por meio da vulgarisação d'obras primas tornando-as familiares e accessiveis a todos. De nenhum outro modo poderia a Bibliotheca Horas Romanticas conseguir este seu principal objecto, que não fosse o de se facilitar ao alcance de todas as fortunas, pelo seu preço baratissimo.

A Bibliotheca Horas Romanticas publicará de cada auctor, o mais selecto, o melhor, o que é indispensavel ser conhecido. O seu formato será elegante, commodo e portatil. Abundantissima a leitura de cada volume. A sua barateza inexcelsiva. E' nosso empenho conseguir que a Bibliotheca Horas Romanticas seja tão instructiva como deleitosa; que os seus livros possam chegar ás mãos de todos constituindo em todas as familias e em todas as corporações associativas uma encyclopedia consoladora, a qual todos estimem e tragam frequentemente manuseada. Os volumes da nossa Bibliotheca offereceão a facilidade de serem lidos durante os ocios das diversas occupações quotidianas de cada leitor. A Bibliotheca Horas Romanticas será uma collecção preciosa de verdadeiras obras primas.

VOLUMES PUBLICADOS

N.º 1 a 3.—«Quo vadis?» por Henry Stenkiwicz.—N.º 4.—«Vida e aventuras de Lazariño de Torres», por Diego Hurtado de Mendoza e H. de Luna.—N.º 5.—«Eulalia Pontois», por F. Soulié.—N.º 6.—«A amoreira fatal», por E. Berthel.—N.º 7.—«O Senhor Eu», por Salvatore Farina.—N.º 7a e 7b.—«O fogo», por Gabriel d'Annunzio.—N.º 8.—«Caricias d'uma noiva», Bjornstjerne de Bjornson.—N.º 9.—«Palavra de soldado», por Jorge Elwall.—N.º 10.—«A pelle do Leão», por C. de Bernard.—N.º 11 a 13.—«A morte dos Deuses», por Dmitry de Merejkowsky.—N.º 14.—«A corda do carrasco», por Petosi.—N.º 15.—«Idyllios á beira d'agua» (2.ª edição), por Alberto Pimentel.—N.º 16.—«Terras malditas», por V. B. Ibanez.
 Remette-se qualquer d'estes volumes, FRANCO DE PORTE, a quem enviar a sua importancia á «A Editora» (antiga casa David Corazzi)—Largo do Conde Barão, 50—LISBOA.

Abastecimento de carnes á cidade de Lisboa.

Esta empresa previne os criadores de que recebe gado para açogue nas epochas proprias pelos preços que constam do seu contracto.

Venda de couros, em leilão todas as segunda-feiras ao meio dia, em lotes correspondentes á matança de cada dia.
 As condições estão patentes no acto da arrematação.

Venda de sebo, tripa, sangue secco para adubos, estume, etc.

Rua da Boa Vista, 3 Lisboa

ESTABELECEMENTO DE MERCEARIA E FERRAGENS
 —DE—
ANTONIO FERREIRA FELIX,
 Filhos (Successores)

N'ESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, panellas de ferro fundidas e estanhadas, chaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de diferentes marcas, arame para ramadas, réde para vedações, alvaiades, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

RUA DIREITA N.º 43 a 45—AVEIRO

METHODO JOAO DE DEUS

Cartilha Maternal ou Arte de Leitura, (1.ª parte) approvada pelo governo, 16.ª edição, br. 200 reis; cart. 300 reis.
Deveres dos Filhos, (2.ª parte ou 2.º livro de leitura), br., 200 reis, cart., 300 reis. 16.ª edição app. pelo governo.
Album, ou livro contendo as lições da CARTILHA, preço 50000 reis.
Quadros parietaes, ou as mesmas lições da CARTILHA MATERNAL em 35 cartões, preço, 65000 reis.
Arte de escripta, nove cadernos, a 30 reis; collecção, 270 reis.
O Methodo de escripta, vende-se aos CADERNOS ou ás COLLECÇÕES.

DO MESMO AUCTOR

A Cartilha Maternal e o Apostolado, (celebres polemicas sobre questões de pedagogia), 1 vol. de 280 paginas, preço 500 reis.
A Cartilha Maternal e a Critica, (2.ª parte das questões sobre o prologo do dr. Trindade Coelho, 1 vol. de 372 pag. 500 reis.
Presas, (narrativas, cartas, prologos, criticas, etc., coordenadas pelo dr. Theophilo Braga, 1 vol. de 745 pag., br. 800 reis
Campo de Flores, Braga, um elegante volume de 525 pag., com dois bellos retratos do auctor, preço, br. 700 reis.

Opusculos pedagogicos de João de Deus Ramos.

Guia theorico e pratico da Cartilha Maternal, (obra indispensavel a ler pela arte de leitura de João de Deus), 100 reis.
Os altos principios do Methodo de João de Deus, 300 rs

Todas estas obras escolares (de leitura e escripta) do methodo de João de Deus acham-se approvadas pelo governo e encontram-se á venda nas principaes livrarias de Portugal. Descontos para revender os do costume.

Os municipios, directores de collegios e professores de escolas tambem terão descontos especiaes.

Pedidos ao deposito geral das obras de João de Deus, Largo do Terreiro do Trigo, n.º 20, 1.º—LISBOA.

Os srs. professores ou directores de collegios que pretendam quaesquer explicações acerca das obras escolares de JOÃO DE DEUS, podem dirigir-se á viuva do auctor (ou ao dr. João de Deus Ramos), rua João de Deus, 13, 1.º (á Estrella), Lisboa, aonde continuam a dar-se CURSOS GRATUITOS, explicando o referido methodo.

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas teem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

RUDIMENTOS DE AGRICULTURA
 POR
ANTONIO X. PEREIRA COUTINHO
 LIVRO APPROVADO NO ULTIMO CONCURSO PELA DIRECÇÃO GERAL D'INSTRUCÇÃO PUBLICA
PREÇO PELO CORREIO, 280 REIS
 A' venda em todas as livrarias do continente, ilhas e ultramar, e na
CASA EDITORA
LIVRARIA AILLAUD
 Rua do Ouro.—242-1.º
 LISBOA

Aos agricultores

Adubo organico para terras, vende-se a retalho e em sacas de 75 kilos, no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas, á Praça do Peixe—AVEIRO.

Este adubo, com resultados maravilhosos para a cultura das terras, convém especialmente para as terras calcareas, dependendo a quantidade a empregar-se da qualidade do terreno a que for applicado. Tratando-se d'uma cultura importante é conveniente submeter a analyse da terra ao agronomo da localidade para elle estabelecer essa quantidade.

No mesmo estabelecimento tomam-se encomendas e «marés» de junco.

LIVRO COMMERCIAL

TRATADO DE CONTABILIDADE

Pelo guarda-livros RICARDO DE SA
 Chefe da contabilidade do Banco Nacional Ultramarino. Ex-professor proprietario da 5.ª cadeira do Athenaeo Commercial de Lisboa. Perito ante os tribunaes Commercial e Civil. Publicista.

E' sobejamente conhecido em todo o paiz o nome do auctor para que precisemos recomendar o valor d'esta obra, indispensavel ao commercio e á industria geral.

Esta obra compôr-se-ha approximadamente de 50 fasciculos de 16 paginas a 70 reis.

Assigna-se na «A EDITORA», Largo do Conde Barão, 50—LISBOA; e no Porto, na Livraria Chardron de Lello & Irmão, Rua dos Clerigos, 96 e 98, e em casa de todos os seus agentes das provincias, ilhas e ultramar. Envia-se o fasciculo specimen a quem o requisitar.

Sapataria Marques d'Almeida & Irmão

N'ESTA acreditada sapataria, sita aos Arcos, ha sempre excellente calçado feito, tomando-se tambem encomenda por medida. Pela segurança da obra e pela boa qualidade dos cabedaes se responsabilizam os annunciantes.
 Igualmente garantem a todos a modicidade de preços.
Vêr para crêr

A NOVA PHASE

DO
SOCIALISMO

POR
JOÃO DE MENEZES
 A' venda na Livraria Central de Gomes de Carvalho, editor, 153, rua da Prata, 160—LISBOA.
Preço 200

BAGAÇOS ALIMENTARES

VENDEM-SE na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos os melhores bagaços para alimentação de todos os animaes.

TYPOGRAPHIA
 — DO —
POVO DE AVEIRO
 Acaba de nos chegar do estrangeiro, das primeiras fundições typographicas, uma variedade de tipos de phantasia, proprios para obras de luxo. Encargamo-nos, portanto, de toda a obra de impressão, fazendo-a mais barata do que em outra qualquer parte.
Especialidade em cartões de visita

«Povo de Aveiro.»
 Em Lisboa, vende-se na tabacaria Monaco.

DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA
 DA ACREDITADA FABRICA
“PFAFF,”
 Fundada em 1862 em KAISERSLAUTERN
 São estas as melhores machinas de costura

A machina «PFAFF» para costureiras.
 A machina «PFAFF» para alfaiates.
 A machina «PFAFF» para modistas.
 A machina «PFAFF» para sapateiros.
 A machina «PFAFF» para seleiros.
 A machina «PFAFF» para corrieiros.
 A machina «PFAFF» para toda a classe de costura, desde a mais fina cambráia ao mais grosso cabedal.

A machina «PFAFF» é sem duvida a rainha de todas as machinas de costura

Ensino gratis. Garantia illimitada.
 A prestações e a dinheiro com grandes descontos.
 Para collegios e escolas de meninas, preços e condições especiaes.
 Vende-se agulhas, oleo, accessorios e peças soltas para toda a classe de costura.
 Conserta-se machinas de todos os systemas.

Peçam catalogos illustrados que se remetem gratuitamente.
 Pedidos a
 José Maria Simões & Filho
ANADIA—SANGALHOS